

FJP garimpa a memória de Minas Gerais



Eleonora Santa Rosa é a responsável pelas edições que a Fundação João Pinheiro vem lançando. →

WALTER SEBASTIÃO

Um texto do século XVIII – “Instrução para o Governo de Minas Gerais”, de José João Teixeira Coelho, com prefácio de Francisco Iglésias – e o número 16 da revista “Barroco”, dedicada aos “Monumentos Históricos e Artísticos de Minas Gerais – Circuito do Diamante”, ambos editados pela Fundação João Pinheiro e lançados com tiragens de pouco mais de mil exemplares, fizeram o maior sucesso e estão esgotados. Inegavelmente, esse fato joga luzes sobre a atividade editorial da instituição que promete novas surpresas para este ano.

A boa acolhida das obras teve conseqüências: primeiro, a revista “Barroco”, fundada e editada pelo pesquisador Affonso Ávila, acaba de ganhar mais uma segunda edição de outros mil exemplares; segundo – o ponto mais importante – trouxe para a Fundação João Pinheiro ânimo para brigar pela edição de novos volumes (ver box). Brilha, até agora, a coleção Mineiriana, com clássicos dos séculos XVIII, XIX e XX, fundamentais para a compreensão da história de Minas Gerais, parte de um rico patrimônio de estudos, que pela ausência de novas edições permanecem, injustamente, no setor de obras raras.

No momento, a Fundação João Pinheiro está em busca de parceiros para a edição das obras, uma etapa que “não é, necessariamente, a mais cara”, como explica Eleonora Santa Rosa, diretora do Centro de Estudos Históricos e

Culturais da FJP e coordenadora editorial da Coleção Mineiriana. Isso se explica pelo fato de o processo de preparação das obras para serem impressas, custeado pela Fundação Vitae, já ter sido concluído. “Estamos dando continuidade a um projeto que foi muito bem recebido. Existe um público ávido por obras relacionadas à história e à cultura de Minas Gerais”, garante a diretora, identificando uma lacuna nesta área, seja no que se refere a obras clássicas ou a obras contemporâneas:

Memória cultural

O resultado é que, tanto os especialistas quanto os leitores comuns ficam sem ter acesso a um considerável volume de conhecimentos: “Existe, hoje, só no que se refere a obras clássicas, mais uma dúzia de volumes que merecem ser editados. Isso sem falar na enorme quantidade de teses, ensaios e estudos – especialmente sobre Belo Horizonte – que não circulam”. Para Elenora Santa Rosa, a ênfase que a FJP dá a este projeto “é um inequívoco trabalho de resgate, preservação e divulgação de nossa memória e de nossa cultura, que são dois dos mais valiosos bens que nós temos”.

Digno de nota é o fato de obras fundamentais para a História do Brasil estarem tendo projetos rigorosamente profissionais, mas viabilizados de forma quase “independente”. Respondendo à provocação, Eleonora Santa Rosa diz que o Estado está fazendo a sua parte; depois, não critica as grandes editoras mineiras e sua op-

ção, quase exclusiva, pela literatura infanto-juvenil e pelos livros didáticos: “Não é bom nem mau, é um caminho”. Ela ainda acrescenta que elas não têm sido interlocutoras para este tipo de projeto (“existem até algumas idéias sobre distribuição, mas nada sobre rachar os custos”). Ela aponta uma exceção: a Editora da UFMG, parceira em alguns projetos da FJP.

“Diálogos sobre trabalhos para além dos limites estabelecidos ou mesmo outros projetos, como um diagnóstico da indústria editorial em Minas que analisa realidades e perspectivas, ainda que interessem à Câmara Brasileira do Livro, simplesmente não encontram respostas da Câmara Mineira do Livro, o que exemplifica uma mentalidade limitada”, diz Eleonora. “O objetivo da pesquisa é mostrar a dimensão econômica do produto cultural, de forma que haja uma política organizada para o setor, visando enfrentar problemas, criar mecanismos de apoio para a ampliação de atividades e investimentos”, explica.

Para Eleonora Santa Rosa, o mais importante é que a FJP tem contribuído para a consolidação de um outro panorama, cuja perspectiva é, ainda, a de “democratização da informação e do conhecimento”. A diretora celebra o fato dos livros estarem com preços acessíveis (R\$ 20,00) e de um terço da edição ser enviado para bibliotecas municipais e estaduais, universidades, arquivos, centros de pesquisa e outras entidades interessadas.

Novos projetos confirmam o bom fôlego da coleção

O projeto da Mineiriana existe há três anos. Ela é voltada para o resgate e a divulgação de textos, ensaios e obras fundamentais na pesquisa e no ensino da história de Minas Gerais. Divide-se nas seções Clássicos; Estudos e Ensaios (para textos contemporâneos); Municípios e Regiões; e Obras de Referências. Todos os volumes contam com textos introdutórios inéditos, escritos por especialistas para a nova edição. Os trabalhos já lançados referem-se ao tópicos Clássicos, sendo os títulos indicados por Francisco Iglésias. No momento, estão sendo elaborados novos projetos:

❑ **Belo Horizonte, Memória Histórica e Descritiva** – Texto de Abílio Barreto, publicado em 1936. Trata-se de um clássico sobre a história da capital de Minas Gerais, da evolução do Curral Del Rey até a construção de Belo Horizonte, cobrindo um período que vai de 1701 até 1898. A preparação da obra para uma nova edição foi feita em 1992, incentivada pela então se-

cretária municipal de Cultura, Berenice Menegale, por uma equipe de especialistas que cuidou tanto das pesquisas que resultaram numa edição anotada quanto de um ensaio sobre Abílio Barreto. São 1.600 páginas, com 168 fotos originais, que vão ser publicados em dois volumes em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura.

❑ **Geografia Histórica da Capitania de Minas Gerais** – Reunião de textos escritos entre 1780 e 1783, pelo engenheiro, militar e cartógrafo José Joaquim da Rocha, com um estudo crítico da professora Maria Efigênia Lage de Resende. A obra traz relatos sobre a descoberta das minas, sobre a situação das comarcas existentes na época, e informações sobre o território mineiro. Além disso, ela narra os levantes ocorridos em Minas. A edição é acompanhada por cinco mapas.

❑ **Explorando e Viajando 3 Mil Milhas Através do Brasil – Do Rio de Janeiro ao Maranhão** – Texto do inglês James W.

Wells, editado em Londres, em 1887, e até agora inédito em português, com prefácio do também inglês Christopher Hill, considerado hoje um dos mais importantes historiadores vivos. Wells, um engenheiro que veio ao Brasil para estudar a possibilidade de implantação de ferrovias, acabou cruzando o País do Rio Grande, no Sul, até o Rio Tocantins, no Nordeste. São 1.000 páginas, que vão ser editadas em dois volumes, com ilustrações do próprio autor e tradução de Myriam Ávilla.

❑ **Catálogo da coleção Joaquim Nabuco Linhares** – Um catálogo de 580 páginas, com 40 ilustrações e 893 verbetes alusivos a publicações mineiras existentes entre 1895 e 1954. O projeto é lançar a obra em setembro, já que foi no dia 7 de setembro de 1895 que circulou o primeiro jornal da capital, cujo nome era "Bello Horizonte". O volume faz parte da coleção Centenário, dedicada a obras sobre Belo Horizonte.